

Pelas forças de mercado

OS índices de preços de todos os institutos de pesquisa (Fundação Getúlio Vargas, IBGE, Fipe) confirmaram ligeiro declínio da inflação. É, de certo modo, surpreendente, dado que os últimos meses do ano são exatamente os de maior consumo e de vendas.

OS levantamentos dos primeiros dias de dezembro indicam que a tendência de queda continuou, levando o Banco Central até a rever para baixo suas projeções para o mês. Ou seja, a variação média dos preços vem se saindo aquém da prevista pelas autoridades econômicas na carta de intenção recentemente encaminhada ao Fundo Monetário Internacional (a inflação deve cair em dezembro para um nível que o Governo só esperava alcançar em janeiro).

O ARREFECIMENTO do impulso inflacionário pode ser medido pelo que economistas e agentes do mercado financeiro resolveram apelidar de "fenômeno panetone". Produto tradicionalmente só consumido na época das festas natalinas, o panetone já é encontrado no comércio por menos da metade do preço que era pedido por ele em novembro.

Mais importante do que os números que vêm aparecendo nos índices é o comportamento dos consumidores. As pessoas, de fato, começam a acreditar que os preços vão cair — ou deixarão

de subir. Assim, não estão apressadas para fazer suas compras de Natal. O movimento nos shopping centers no último fim de semana foi um bom exemplo: a grande maioria dos consumidores circulava pelas lojas pesquisando preços e comprando pouco; e os que compravam regateavam o que podiam.

O CURIOSO é que a inflação tem cedido a despeito de as autoridades econômicas virem atualizando as tarifas e os preços públicos (combustíveis, energia elétrica, telefones, gás encanado, água e esgoto etc.) com percentuais de reajuste bastante elevados para uma fase como esta. É sinal de que a ponta do mercado efetivamente vem funcionando.

A EXPLICAÇÃO para isso pode ser encontrada na política monetária e fiscal ortodoxa e no comportamento do câmbio. As taxas de juros reais estão realmente atraentes para o investidor. Desde o dia 1º de dezembro, a captação nas cadernetas de poupança tem sido positiva (depositos superiores aos saques) de norte a sul do país. Exportadores desengavetaram seus contratos de câmbio e, pela primeira vez desde 1981, as cotações do dólar paralelo ficaram praticamente iguais às do câmbio comercial.

ESSA estabilidade do dólar exerce uma pressão psicológica forte sobre os agentes econômicos, e o melhor é

que não tem sido obtida à custa da queima de reservas cambiais do Banco Central. Ao contrário, a diretoria do BC está exultante porque as reservas têm aumentado progressivamente.

O AUMENTO de reservas, nesse momento, é fundamental para que o Governo dê continuidade à política clássica de ajuste econômico, reduzindo, por exemplo, as alíquotas do imposto de importação (a indústria automobilística certamente não gostará nada quando isso acontecer). Atualmente, por força das limitações dos instrumentos, a equipe econômica está igual à ilha inglesa da anedota, que resolveu alterar o antigo padrão de mão das ruas (os britânicos usam um tipo de mão no tráfego inverso ao da maioria dos países), porém seguindo um processo gradual, começando pelos caminhões, passando depois para os ônibus e finalmente para os carros. Era uma colisão atrás da outra.

TALVEZ ainda seja prematuro cantar vitória diante dos recentes índices de preços. A inflação, mesmo com ligeiro declínio, continua em patamares acentuadamente altos e sujeita a flutuações bruscas, em caso de acidente. Mas não há como se esconder que o comportamento das forças de mercado reinjeta algum ânimo nos que acreditam que o Brasil reencontrará o seu caminho ao longo do ano que se aproxima.